

## **A Natureza nas aulas de História: as representações da natureza entre os professores de História**

ELY BERGO DE CARVALHO\*

Entender quais as representações da natureza produzidas por professores e alunos é um aparte importante para uma atuação mais eficaz no processo de Educação Ambiental. De uma forma geral, diante de conflitos socioambientais está cada vez mais claro que não se pode ignorar os modelos de ação e cognição dos sujeitos ou pressupostos, como se todos compartilhassem uma racionalidade economicista (LEFF, 2005).

Para realizar este estudo sobre as representações de natureza de professores(as) de História, foram selecionadas duas escolas da Rede Pública de Ensino Básico da cidade de Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. Os critérios de seleção dessas escolas foram, no primeiro caso, a Escola Estadual André Avelino Ribeiro, por ser uma escola em um “bairro popular”; no segundo, a Escola Estadual Liceu Cuiabano Maria de Arruda Muller, por ser uma escola da área central da cidade, sendo uma escola referência, em parte por ser uma instituição tradicional que herdou uma boa infra-estrutura, de uma época em que o Ensino Público era referência de qualidade no Brasil. Em ambos os casos, trabalhou-se com os professores do ensino médio e a escolha das escolas se deu pela acessibilidade do pesquisador às instituições.

Por meio da metodologia da História Oral, o estudo apontou para uma representação disjuntiva de natureza e história/cultura – o que já foi constatado em outros trabalhos sobre a representação de natureza entre professores (REIGOTA, 1995) – e uma concepção de educação ambiental, a qual se aproximava, no limite, do que alguns autores chamaram de “adestramento ambiental” (BRÜGGER, 2004: 36). Todavia, também se pode perceber, na narrativa dos professores entrevistados, uma representação mais complexa de natureza.

---

\* Professor adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: carvalho2010@yahoo.com.br

## O “Adestramento” Ambiental

Há pelo menos três ordens de fatores que levam a pouca expressividade da Educação Ambiental nas escolas brasileiras: a) a “questão ambiental” é tratada como mais um entre outros “problemas” a ser “solucionado” pela escola, o que retira a dimensão sistêmica da problemática ambiental contemporânea e superestima a capacidade da escola de resolver problemas que são mais amplos que seu âmbito de atuação; b) a crônica carência material e de condições de trabalho, em especial nas escolas públicas: baixos salários e salas superlotadas que dificultam em muito, por exemplo, um trabalho interdisciplinar nas escolas; e c) a estrutura fragmentada do conhecimento moderno, voltado para o controle e não para o diálogo com a natureza, que é reproduzido nas escolas.

Os professores de História, além dos problemas práticos de aplicação dos temas transversais em sala de aula, têm aí uma dificuldade extra, pois o pensamento Ocidental separa fortemente a sociedade e a natureza. Por exemplo: entregue uma câmera fotográfica para um estudante e peça para ele fotografar a “natureza”. A tendência será fotografar plantas e animais silvestres, o ser humano fica separado da natureza. Sendo a História uma disciplina voltada para o ser humano no tempo, aparentemente, o mundo natural estaria fora de seu escopo.

Em tal perspectiva reducionista e disjuntiva, a Educação Ambiental seria um tema para as áreas de Geografia e Biologia. De forma que não é coincidência que sejam os professores dessas disciplinas que organizam, prioritariamente, os trabalhos de Educação Ambiental nas escolas, e que sejam tais disciplinas, que hoje formam os paradigmas transdisciplinares que colonizam os estudos das relações sociedade-natureza (LEFF, 2005: 14).

Em tal perspectiva reducionista, a inclusão do meio ambiente como tema transversal nos Parâmetros Curriculares Nacionais pode ser entendido como um novo conjunto de informações que devem ser “repassadas” aos alunos. Mas é uma ilusão pensar que apenas informações descontextualizadas alterem o comportamento dos alunos. Para além de repassar informações, o trabalho com tal tema em sala, é uma oportunidade de construção de novos valores e para o incentivo à produção de modos de vida que sejam mais sustentáveis. Daí a necessidade de participação de todas as áreas de

conhecimento, levando a uma reflexão sobre a inserção de professores e alunos no ambiente (VIEIRA, 2002).

As entrevistas realizadas apontam que, entre os professores de História, há uma representação disjuntiva de natureza: quando perguntado a uma professora o que a marcou nas atividades sobre educação ambiental em que participou, ela respondeu que: “tudo relacionado ao ambiente para nós agora é importante [...]. Cortaram a árvore aqui, agora ela já cresceu. Para nós foi um escândalo aqui, né?” (SOUZA, 2009). A preocupação ambiental é identificada como algo exterior a vida humana: uma árvore no pátio interno da escola. Típico da hegemônica sensibilidade moderna dissociativa, que justamente, se preocupa e valoriza positivamente elementos do mundo natural isolados e/ou distantes. Uma sensibilidade de “ursinho de pelúcia” que positiva os elementos naturais quando eles estão controlados/“domesticados” ou destruídos (THOMAS, 1988: 356-357). Desta forma, apesar de, nas últimas décadas, o Estado do Mato Grosso ser um dos que mais devastou as florestas no Brasil, a preocupação com a natureza ainda apresenta traços gerais de uma sociedade urbana que valoriza, positivamente, símbolos de uma Arcádia perdida, enquanto na prática ampliam a destruição das áreas florestais.

Tal concepção preservacionista, a princípio, não é incompatível com uma posição conservacionista, mas igualmente disjuntiva. A natureza compreendida como um recurso a ser otimizado em sua utilização, emerge, em alguns momentos, nas falas dos professores:

*A natureza hoje em dia ela é principalmente a questão dos recursos naturais, placas tectônicas, é origem da vida, não é? Teoria da criação, teoria da evolução, eu acredito que hoje em dia está tendo mais visão com relação a isso, porque é preciso que se fale realmente na questão da natureza, eu falo para os alunos, por exemplo, gosto muito de trabalhar a questão do mapa-múndi político com eles [...] a questão dos continentes, [...] de separação de um continente para outro, as proporções de água que existem, os oceanos, os mares, eu acho que neste momento a gente está mais focado nisso, em trabalhar a questão das relações, né? [...] [O] planeta terra está em evolução, prova disso são esses terremotos que ocorrem, isso aí é um processo natural [...] (SILVA, 2010).*

Tal excerto parece expressar a prática que Brugüer (2004) denomina de “adestramento ambiental”. A Educação Ambiental é entendida, primeiramente, como o repasse de informações sobre o funcionamento dos ecossistemas. Compreendida desta forma, não caberia realmente muito espaço para a atuação dos professores de História. A Educação Ambiental seria algo de competência dos professores de Biologia e

Geografia, pois caberia à História, os aspectos “sociais e políticos”, os quais são entendidos em desconexão com o mundo natural, mesmo que haja uma tentativa de “trabalhar a questão das relações”.

Tal representação disjuntiva é expressa ainda nas ausências. Quando perguntado aos entrevistados como trabalhavam temas em sala de aula sobre a industrialização, a expansão cafeeira, por exemplo, em geral, as narrativas se desenvolviam como se o ser humano atuasse em um palco vazio, a natureza pouco apareceu nas narrativas. A fragmentação história/cultura *versus* natureza aparece, também, quando se pergunta sobre as atividades voltadas para educação ambiental nos estabelecimentos de ensino em que trabalham. Desta forma uma entrevistada afirma que:

*Entrevistador: E já houve trabalhos voltados para a Educação Ambiental na instituição que a senhora trabalha?*

*Muitas, mais muitas mesmo, inclusive têm aulas de ciências mesmo, aulas, projetos, o terceiro bimestre é todo voltado para ciência e o meio ambiente, tudo para o meio ambiente, não só a Biologia, a Química, a Geografia, entendeu? Eles fazem trabalhos com os alunos, eles fazem amostras mesmo, né? Mostrando os efeitos e inclusive com experiências, eles fazem experiências [...], os alunos dão show, entendeu? Tem esses, lá na escola, você sabe que tem laboratório, então têm biólogos, químicos [...]. Então são trabalhados esses temas ambientais (FREIRE, 2010).*

A Educação Ambiental aparece como algo realizado por “eles”, os professores das ciências naturais. Apesar das tentativas de realização de trabalho interdisciplinar nas escolas, ainda aparece, fortemente, nas entrevistas realizadas, uma representação disjuntiva que atrapalha o entendimento dos problemas ambientais e da crise pela qual se passa.

### **Memória: Homogeneização e Silenciamento**

Em geral, os professores não têm um “discurso pronto” sobre Educação Ambiental, com isso fica mais evidente, como ao falar, é mobilizado todo o “caldo de cultura” desses professores (assim como ocorre em todo processo comunicativo), em elementos que nem sempre tem uma total coerência. Porém, indicam um processo de transformação nas representações, ao incorporarem, da sua forma, o “discurso verdade”, ou seja, ao indicarem a forma como participam da “ecologização” da sociedade.

Deve ficar claro que, ecologização aqui, não implica, necessariamente, a adoção de um modo de vida que leve a um ecodesenvolvimento, mas apenas uma mudança de postura, na qual a natureza deixa de ser percebida, em geral, como uma fonte inesgotável de recurso, para ser reconhecida como um “problema” que inspira cuidados, o que dá uma conotação positiva, em geral, para o que se identifica como “ecologicamente correto”. Ou seja, a “ecologização” é a construção social da questão ambiental (HANNIGAN, 2009), que pode ou não levar a produção e hegemonia de uma nova racionalidade ambiental (LEFF, 2001). Barbosa (1991) em um artigo que busca mapear a penetração, a importância e o significado da problemática ambiental no seio da sociedade brasileira, afirma que, pelo menos, a partir do início da década de 1990, “O meio ambiente se tornou o grande referencial para todos os grupos. Do ponto de vista político, a adaptação ao tema ecológico, ainda que de forma superficial, apresenta-se como a única saída competitiva” (BARBOSA, 1991: 242).

No caso das entrevistas em tela, nas trajetórias de vida dos(as) professores(as) de História, a virada na “ecologização” é situada na década de 1990. Assim, os entrevistados situam um período antes e um período depois da emergência do “meio ambiente”. Sobre o período anterior, uma entrevistada afirma que em suas aulas de História: “Sinceramente, a gente não tinha essas discussões de natureza não, geralção, não tinha específico [...] A gente ficava mais na discussão política, social, não tinha [...]” (SOUZA, 2009). Tal constatação, corroborando em outras entrevistas, indica que, o que acontece é um processo de homogeneização de dois períodos, tendo como marco, para professores atuantes na rede pública de Cuiabá, a década de 1990. Não é incomum um evento marcante ou a emergência de algo novo, geral um processo de homogeneização na memória social (FENTRESS, WICKHAM, 1992: 120).

Outra entrevistada foi enfática, ao ser perguntada como a natureza aparecia nas suas aulas, quando iniciou a lecionar, afirmou que: “não aparecia”. E a mesma entrevistada afirma sobre como hoje aparece: “em tudo”, e afirma ainda que, “a gente hoje incorpora essa coisa de ambiente” (SOARES, 2010). A natureza que antes não estava presente, quando emerge a “questão ambiental” – e a natureza passa a ser representada a partir das categorias ambientais – passa a estar presente em tudo. O que há aqui é um silenciamento sobre diferentes representações de natureza que “antes”

estavam presentes nas práticas, como talvez, a natureza como elemento de orgulho nacional ou como fonte inesgotável de matéria-prima.

## **Educação Ambiental**

Volta-se, então, com essa nova ótica para as entrevistas aqui analisadas. Uma entrevistada ao ser questionado sobre a função da educação ambiental afirma categoricamente que:

Não só preservar, né? Que é o chavão, mais é a nossa própria existência depende dessa Educação Ambiental, como a gente deve se relacionar com o ambiente, com os próprios alunos, como preservar mesmo, que é para o futuro nem nosso, mais para o futuro deles [...] (SOUZA, 2009).

A depoente mostra claramente uma solidariedade transgeracional, e entende a “questão ambiental” como um problema que une a espécie humana, e no qual a existência e o modo de vida é que está em jogo. Desta forma, os mesmos entrevistados se afastam de uma representação disjuntiva de natureza. A preocupação com a abordagem interdisciplinar presente em todas as falas, mesmo que acompanhada das dificuldades de sua realização prática, é outro indício de uma concepção complexa de Educação Ambiental.

A introdução da Educação Ambiental nas escolas e, de uma forma geral, o processo que aqui é denominado ecologização são eventos que marcam o período do “antes”, quando não se falava de natureza, pois à História cabia versar sobre os aspectos “sociais e políticos”, em uma perspectiva disjuntiva; e o agora, no qual a natureza é tratada como um problema a ser trabalhado de forma interdisciplinar e complexa. Mas não se pode pensar o processo de transformações das representações a partir de tal homogeneização da memória social.

O que aparece em um primeiro momento como contradições na fala dos depoentes, é uma importante chave para entender o processo de transformação das representações, tanto no que tange a persistência de uma perspectiva disjuntiva; quanto no que se refere a emergência de uma abordagem mais complexa da relação com a natureza. Seja no momento “anterior” ou “posterior” a ecologização, os professores produzem um “currículo oculto”, a partir do qual trabalham com temas e questões

colocadas por suas experiências. Algumas experiências são, hoje, reelaboradas na memória como símbolo da degradação ambiental e da “questão ambiental”:

Mas, mesmo considerando essas reelaborações “ambientais” das experiências passadas, a atenção à narrativa das experiências cotidianas trás ao primeiro plano o lugar, enquanto espaço de vivência cotidiano. E a atenção para as identidades locais, mais fortemente presente quando se atenta ao lugar, pode conduzir os professores a introduzirem a problemática ambiental em suas aulas. Uma entrevistada quando foi perguntada sobre como aparece a natureza nas suas aulas de História, quando no início de sua carreira docente em 1985, em uma cidade, então, de garimpo, Poxoréu, afirma:

*[...] Não vou dizer pra você que lá em oitenta e oito, em oitenta e nove, não, não é bem assim, mas a gente sempre falou sobre a questão da natureza, quando eu trabalhei em Poxoréu, a gente trabalhava muito com uma música, né? Que fala da cidade e conta das belezas da natureza de lá e fala assim: “esses versos que eu canto aqui distantes eu quero enaltecer, capital de diamante a minha terra que me viu nascer” aí fala assim “quero banhar na lagoa”, que tem uma lagoa linda, “quero escalar o morro”, porque lá tem um morro lindo que chama Morro da Mesa [...]. Mas na verdade era uma utopia, porque não tinha mais condições, porque a lagoa era suja, poluída, a cidade era um buraco todo mundo queria mais ir embora e ainda tinha pessoas que falavam assim: “tem que ir embora antes que acabe”, e tudo mais porque é um buraco. O garimpo destruiu tudo, o homem destruiu, a ganância e tudo mais então não tinha como, vamos dizer que não falava de natureza, a natureza ela está ligada [...].*

*Em Poxoréu, a gente cantava, falava e apresentava, né? E como era lindo, [...] então a gente trabalhava essa questão, aí o que vai dar sustento para essa população, para a vida dessas pessoas, que moram ali e não querem sair dali, porque amam aquele lugar, [...] Acho que eu nunca deixei de trabalhar essas questões assim, que são questões de vida [...] o homem não vive sem a natureza [...](FREIRE, 2010).*

A prática de uma história problema e que parta das problemáticas locais, leva a professora a buscar as conexões, a uma prática de uma Educação Ambiental. Assim, partindo de uma identidade local, a natureza pode ser entendida como um patrimônio marcado por uma ética transtemporal e translocal e que implica em uma transpropriação. Ou seja, para além daqueles que queriam apenas feitorizar uma riqueza facial ao alcance da mão e depois “ir embora antes que acabe”; havia uma identificação com o lugar, para além da propriedade e da apropriação individual, daqueles que “amam aquele lugar”, pensando, também, nas futuras gerações.

## Considerações Finais

A princípio este trabalho corrobora o resultado de outros que estudam as representações de natureza de professores, pois os professores apresentam uma representação disjuntiva: História/Cultura *versus* Natureza; Sujeito *versus* Objeto. Indicando o quão importante é uma efetiva introdução da Educação Ambiental na formação inicial dos professores, o que já está previsto na Política Nacional de Educação Ambiental desde 1999.

Todavia, há também presente na narrativa das memórias dos professores, a representação de práticas educacionais que vão além de um “adestramento ambiental”. A complexidade dessas práticas de Educação Ambiental, nas quais, há uma tentativa, mesmo que não sistemática, de superação das disjunções e da adoção de uma abordagem mais complexa, indicam o quão importante é considerar a memória e as práticas dos professores em projetos de formação continuada.

## Referências

BARBOSA, L. Garimpo e meio ambiente: águas sagradas e águas profanas. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 229-243, 1991.

BRÜGGER, P. **Educação ou adestramento ambiental**. 3. ed. rev. e ampl. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

CARVALHO, E. B. de. A História Ambiental e a crise ambiental contemporânea: um desafio político para o historiador In: ARRUDA, G.; ESPINDOLA, H. S. (Orgs.). **História, Natureza e Território**. Governador Valadares: Ed.UNIVALE, 2007. E-Book. Disponível em: <[http://www.univale.br/sites/editora/e\\_books/detalhes/?CodigoArquivo=8&Titulo=Historia--Natureza-e-Territorio---Coletanea-de-Historia-Ambiental](http://www.univale.br/sites/editora/e_books/detalhes/?CodigoArquivo=8&Titulo=Historia--Natureza-e-Territorio---Coletanea-de-Historia-Ambiental)>. Acesso em: 28 abr. 2010.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C.. **Memória Social**: Novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992.

FREIRE, K. M. da C. **Kátia Maria da Costa Freire: depoimento**. Entrevistador: Ely Bergo de Carvalho. [7 jun. 2010]. Cuiabá, 2010.

HANNIGAN, J. **Sociologia ambiental**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

LEFF, E. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. Construindo a História Ambiental da América Latina. **Esboços**, Florianópolis, v. 13, p. 11-30, 2005.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

OST, F. O património: um estatuto jurídico para o meio. In: \_\_\_\_\_. **A natureza à margem da lei: a ecologia à prova do direito**. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. p. 351-387.

REIGOTA, M. **Meio ambiente e representação social**. São Paulo: Cortez, 1995.

SILVA, G. D. **Gonzalo Dias Silva: depoimento**. Entrevistador: Rafael Marcos de Souza Fernandes. [05 mar. 2010], Cuiabá, 2010.

SOARES, A. de A R.; NOVICKI, V. Educação ambiental através de livros didáticos de história do segundo segmento do ensino fundamental. In: ENCOTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO, 29., 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2006.

SOARES, M. do S.. **Maria do Socorro Soares: depoimento**. Entrevistador: Rafael Marcos de Souza Fernandes. [05 mar. 2010], Cuiabá, 2010.

SOUZA, C. N. **Cláudia Noêmia Souza: depoimento**. Entrevistador: Ely Bergo de Carvalho. [7 dez. 2009]. Cuiabá, 2009.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação as plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

VIEIRA, P. F. **Repensando a Educação para o Ecodesenvolvimento no Brasil**. Encontro Nacional de Ensino Agrícola. Camboriú, 31 out. 2002. (xerox).